

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 07/01/2016

- [Projeto determina perda de bens usados em exploração sexual de menores](#)
- [Pais de bebê indígena degolado em Santa Catarina pedem justiça](#)
- [Aos 17 anos, refugiada síria defende a educação de meninas em campo de deslocados na Jordânia](#)

Assunto: Projeto determina perda de bens usados em exploração sexual de menores

Fonte: Agência Senado

Data: 07/01/2016



Projeto que determina a perda de valores ou bens utilizados na exploração sexual de crianças e adolescentes está na pauta do Plenário e pode ser votado após o recesso parlamentar.

De acordo com o texto, que é um substitutivo da Câmara dos Deputados (SDS 11/2015) a proposta originária do Senado, os bens tomados pela Justiça serão revertidos em benefício do Fundo dos Direitos da Criança e do

Adolescente do estado onde ocorrer o crime.

O projeto original (PLS 38/2008), do então senador Demóstenes Torres, foi remetido à Câmara em 2008. A proposição altera o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), que já estabelece a cassação da licença de funcionamento do estabelecimento utilizado na exploração ou prostituição de menores de idade, além de pena de 4 a 10 anos de reclusão e multa para o infrator.

O relator na Câmara, deputado Efraim Filho (DEM-PB), modificou a proposta para estabelecer que os fundos beneficiados com os recursos sejam os estaduais, e não os dos municípios ou da União.

Ao retornar ao Senado, o projeto foi analisado novamente pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), que ajustou o projeto a regras e exigências legais sobre elaboração de leis. A relatora na CDH foi a senadora Fátima Bezerra (PT-RN), para quem as alterações tornaram o texto mais harmonioso com “ditames legais e constitucionais”.

Assunto: Pais de bebê indígena degolado em Santa Catarina pedem justiça

Fonte: Diário de PE

Data: 07/01/2016



Vitor Pinto, 2 anos, teve o pescoço cortado por um jovem na cidade de Imbituba. No sétimo dia da morte de Vitor Pinto, o menino da tribo Caingangue, de 2 anos, degolado em Imbituba, cidade do litoral sul de Santa Catarina, houve missa em português, canto em guarani e protesto na delegacia. Mais de cem pessoas se reuniram no cenário do crime, a rodoviária da cidade, ao meio-dia. Esse foi o horário em que Vitor teve o pescoço cortado por um jovem na quarta-feira da semana passada.

O suspeito, Matheus de Ávila Silveira, de 23 anos, foi preso dois dias depois e encaminhado para o presídio de Tubarão após confessar o crime. Ele degolou o menino ao atacá-lo no colo da mãe. Segundo o delegado Rafael Giordani, Silveira tem as características de um psicopata, pois não demonstrou sentir culpa. O delegado disse não acreditar que o crime tenha sido motivado por racismo, mas causado por problemas psicológicos de Silveira, que é alcoólatra, usuário de drogas e estaria envolvido com uma seita satânica da cidade.

Seus pertences - uma mochila, um par de luvas e os tênis - foram reconhecidos pelos pais de Vitor. Sua imagem também foi gravada pelas câmeras de segurança da rodoviária e do prédio do Ministério do Trabalho, que fica na frente do local do assassinato. De acordo com o delegado, Silveira ficará detido provisoriamente até o encerramento das investigações.

Os pais de Vitor, Sônia da Silva, de 27 anos, e Arcelino Pinto, de 42, participaram do protesto na delegacia e exigiram justiça. "Se um indígena cortasse a garganta de uma criança branca o Brasil viria abaixo. Quero a mesma indignação pela morte do meu filho", disse Sônia. A índia alimentava Vitor na sombra de uma árvore quando o assassino se aproximou e atacou.

Ela, o marido e os três filhos haviam desembarcado no dia 26 de dezembro em Imbituba para vender artesanato, uma tradição Caingangue. Vieram da aldeia Condá, em Chapecó, no oeste catarinense. Da aldeia veio também a vice-cacique Márcia Rodrigues para conversar com o delegado na quarta. "Esse menino não é louco. Se fosse, teria escolhido o primeiro que viu na frente para matar. Ele escolheu Vitor, um bebê no colo de uma indígena. Escolheu porque eram vulneráveis, assim são os índios do Brasil. As pessoas são preconceituosas e nos tratam piores que animais, mas viemos exigir os nossos direitos", disse a líder.

Insegurança

Para o coordenador substituto da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Chapecó, Clóvis Silva, não é possível desconectar a morte da insegurança vivida pelos indígenas no Estado. "Os Caingangues sobrevivem basicamente da venda dos cestos que fabricaram no inverno. Mas as pessoas os veem como incômodos. São expulsos de locais públicos, como estradas e rodoviárias. Desprotegidos, viram alvo fácil." As informações são do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Assunto: Aos 17 anos, refugiada síria defende a educação de meninas em campo de deslocados na Jordânia

Fonte: ONU

Data: 07/01/2016



Projeto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados conta histórias pessoais de refugiados. Entre elas, mostra a vida de Muzon, uma jovem que estimula outros deslocados a continuarem seus estudos no campo de Azraq, na Jordânia.



Refugiada da Síria há três anos com sua família, Muzon Al Meliha, de apenas 17 anos, luta pela importância da educação no campo de refugiados da Jordânia. Uma defensora apaixonada do direito de estudar entre os deslocados da Síria, principalmente entre mulheres e meninas, Muzon é comparada à ativista paquistanesa ganhadora do prêmio Nobel da Paz, Malala Yousafzai.

“Ela me ensinou que não importa quais obstáculos vou enfrentar na vida, eles podem ser superados”, afirmou Muzon sobre Malala, a qual já encontrou várias vezes e considera uma amiga. Para Muzon, a comparação com a ativista paquistanesa mostra que ela está fazendo um trabalho significativo e que as pessoas confiam em sua causa.

Hoje a família Al Meliha vive na Jordânia, no campo de refugiados Azraq. Com os pais professores na província de Daraa, Síria, antes de se deslocarem, e tios diretores em escolas locais, a educação sempre foi parte importante da vida de Muzon. “Nossa casa foi construída por um engenheiro. Quando eu estive doente, fui ao médico. Educação é tudo na vida”, concluiu Muzon, que ainda é estudante.

A família Meliha fugiu do conflito na Síria em 2013. Abu Mohammed, pai de Muzon, contou que, como sua filha estava estudando para realizar os exames do nono ano da escola, a tia de Muzon sugeriu que a deixassem no país para continuar os estudos, mas Mohammed preferiu não assumir os riscos desta decisão.

“Eu sabia que ela poderia compensar o tempo perdido nos estudos, mas se você perde a vida não há forma de compensar isso”, desabafou.

Antes de chegar ao campo de refugiados, eles sabiam pouco sobre como seriam suas vidas. Enquanto, na Síria, Muzon e seus três irmãos mais novos tinham quartos separados, na Jordânia, a família toda divide uma única barraca para dormir, cozinhar e lavar.

O medo de Muzon de não ter escolas no campo de refugiados não foi concretizado: ela se matriculou nas aulas de verão para acompanhar o currículo da Jordânia.

Muzon conta que muitos alunos paravam de frequentar as aulas, principalmente meninas com idade próxima à sua. Ao saber que uma menina largou a escola, ela a convenceu a voltar aos estudos e começou sua trajetória de estímulo à educação.

“Quando ouço sobre pessoas que não deixam suas filhas irem à escola para fazê-las se casarem cedo, fico muito irritada”, afirmou, explicando que no campo de refugiados, a tendência de fazer com que as meninas se casem para garantir seu futuro é maior, e que muitos acham que é um meio mais seguro e estável do que manter as filhas nas escolas.

No entanto, Muzon discorda: “A educação é a arma que irá protegê-lo na vida”, explica.

Ela lembrou ainda que, individualmente, pode convencer as pessoas ao seu redor a irem às escolas, mas não pode construir instituições de ensino ou prover professores. “Precisamos da ajuda da comunidade internacional para fazer isso, então eu preciso transmitir a mensagem para aqueles que têm recursos para ajudar”, declarou.

A história de Muzon faz parte do projeto Caminhos, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que compartilha trajetórias pessoais sobre os deslocados por todo o mundo.